

O Órgão da Sé Catedral de Faro¹

Actualmente colocado em tribuna própria, sob o topo do arco adjacente ao coro-alto do lado do Evangelho, de face para a nave, é um instrumento de concepção original tipicamente norte-alemã, das primeiras décadas do século XVIII, com a fachada dividida horizontalmente, correspondendo às secções independentes do grande órgão e do positivo de frente. A consola tem, respectivamente, dois teclados manuais, com os puxadores dos registos ordenados de ambos os lados. O positivo possui portas de acesso sobre a consola. A metade superior da caixa, mais larga, mostra a canaria (recuada relativamente à posição original) disposta em três torres salientes de progressão triangular. A talha e a estatuária são ao estilo do barroco hamburguês e o douramento e a decoração em *chinoiserie* sobre fundo rubro é da autoria do tavirense Francisco Correia da Silva e datada de 1751-52. As palhetas horizontais, dispostas em três leques na moldura média da fachada, o reduzido teclado-pedal de nove notas e os pisantes foram-lhe acrescentados na segunda metade do século XVIII.

O instrumento – juntamente com o órgão gémeo que, desde 1752, se encontra na Sé de Mariana, perto de Ouro Preto, no estado brasileiro de Minas Gerais – tem sido objecto de alguma controvérsia relativamente à sua origem, autoria e posteriores intervenções, carecendo de um completo e actualizado estudo histórico e organológico,² que principiou a desenvolver-se na sequência da revisão geral empreendida pelo organeiro Dinarte Machado em 2006.

Sobre a história do órgão, o que de positivo se pode apurar com base documental, encontra-se sintetizado numa notícia oitocentista da mão do Cónego António Fernandes da Cruz David, sobre papel colocado no interior da caixa, do lado direito da porta superior de acesso ao órgão principal, hoje

¹ Apontamentos para o texto que acompanhará a gravação realizada neste instrumento entre 2 e 5 de Julho de 2007 por Rui Paiva, com obras de Dieterich Buxtehude.

² Não obstante o alargado contributo de Marcello Martiniano Ferreira, *Arp Schnitger: dois órgãos congêneres de 1701, suas destinações atuais e características técnicas*, Niterói, 1991.

parcialmente removido (peça testemunhal relativamente desvalorizada pela generalidade dos autores que têm escrito sobre o instrumento, com a excepção de Gerhard Doderer³). Na transcrição seguinte, os segmentos truncados e as leituras problemáticas colocam-se entre parênteses rectos:

[Este orgão] / [foi] encomen[dado] / [pelo] Revmo Cabido desta Ca[tedral] / [n]o anno de 1715 ao [organei] / ro João Henriques, re[sidente] / [em] Lisboa o qual vei[o] / [coloca]l-o em 1716. /
 No anno de 1767 foi [aumen] / tado com jogos novo[s de] / [re]gistos entre os quaes, [foi] / [posto] o d'echo e contra ec[ho] / [pe]lo organeiro Pascoal. /
 Foi limpo e afinado nos [annos] / de 1722, 1775, 1814, e ultima[mente] / no mez d'Agosto de 1874, [pelo] / organeiro hespanhol D. Fran[cis] / co Alcaide. /
 No compartimento inferior deixo [... / ...] / [C. David] //

João Henriques é o nome português do organeiro Johann Heinrich Hulenkampf, aprendiz e oficial na oficina de Arp Schnitger durante cerca de doze anos, que veio para Portugal presumivelmente em 1701, para instalar o órgão que se encontra ainda hoje na Igreja do Mosteiro crúzio de São Salvador de Moreira, no Concelho da Maia (o envio deste instrumento, juntamente com outro congénere de que se não conhece o paradeiro, está notificado nos registos pessoais de Arp Schnitger).⁴ Fixou-se em Lisboa e recebeu encomendas para a construção de instrumentos designadamente para os Conventos do Carmo e de São Francisco da Cidade de Lisboa, presumivelmente desaparecidos no Terramoto de 1755, mas cujos contratos subsistem, datados respectivamente de 1711 e 1722. A assinatura de Hulenkampf surgiu no órgão de Mariana, durante o restauro a que o instrumento foi sujeito entre 1977 e 1984, sob a pintura da

³ «Relações musicais luso-brasileiras do século XVIII: dois casos particulares» in *A Música no Brasil colonial*, Lisboa, 2001, pp. 389-416.

⁴ No norte do País há outros instrumentos da escola norte-alemã, como o da Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, construído por Michael Hensbergh (*fl.*1681-99), «vizinho da cidade de Brucellas [*sic*], dos Países Baixos de Flandres», que se fixou no Porto, e o da Igreja do Carmo de Guimarães, feito por Teodósio Hembergh (*fl.*1725-48), residente também no Porto, que era hipoteticamente filho do primeiro (v. Domingos de Pinho Brandão, *Órgãos da Sé do Porto e actividade de organeiros que nesta cidade viveram*, Porto, 1985).

estante da consola, do lado direito inferior, juntamente com a data, «1723», no interior da caixa. Como o instrumento brasileiro ostenta as armas dos Franciscanos, é provável que se trate do objecto do contrato de 1722.

De acordo com o assento do *Livro dos Acórdãos da Sé Vacante, 1715-16*, de 23 de Setembro de 1715,⁵ Hulenkampf, «oficial de órgãos», estava em Faro naquela data «para eleger e ver o lugar mais conveniente, em o qual se houvesse [o] órgão que o muito reverendo cabido tinha ordenado se mandasse fazer». O instrumento foi, por conseguinte, construído em Lisboa entre os finais de 1715 e 1716, ficando depois colocado no coro-alto da Sé, cuja escada de acesso o Cabido mandou que fosse mudada «para acento do órgão». Possivelmente por causa do sismo de 1722, violentamente sentido no Algarve e que originou a ruína do arco do coro (reconstruído em 1725), o instrumento foi então instalado na tribuna onde hoje se encontra. Há posteriormente registo de trabalhos no órgão, empreendidos por um artífice anónimo de Tavira entre 1743 e 1745.

Antes do Terramoto de 1755, o instrumento continuava em mau estado, de modo que em reunião do Cabido de Faro de Setembro desse ano, o Arcediago de Lagos propôs que se confiassem as reparações ao organeiro que temporariamente se encontrava a trabalhar em Monchique. Este organeiro era o genovês Pasquale Gaetano Oldovini, com residência e oficina em Évora.⁶ É possível que Oldovini tenha ido nesse ano a Faro reparar os foles do órgão, porque há registo de pagamentos no *Livro das Despesas das Obras da Sé* feitos ao «mestre Organeiro de Monxique» pelo «Concerto do Orgao», já depois do Terramoto. Oito anos mais tarde, em 30 de Julho de 1763, Oldovini foi de novo a Faro examinar o instrumento, concluindo que apenas a secção do positivo de frente funcionava, encontrando-se tudo o resto arruinado. Na ocasião, pediu 600.000 reais pela reparação e dez moedas de ouro para a construção de um

⁵ f. 17v, *apud* António Alves Alferes Pereira, *A Sé de Faro 1716-1738: homens e acção musical*, dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2006, pp. 146-47.

⁶ Sobre a actividade de Oldovini, designadamente a que se relaciona com o órgão da Sé de Faro, v. João Paulo Janeiro, «Pascoal Caetano Oldovini: a actividade de um organeiro genovês no sul de Portugal, no século XVIII» *Organi Liguri*, 2003.

pequeno instrumento que pudesse ser usado no exterior (possivelmente, o órgão datado de 1763 que hoje se encontra na Capela de Nossa Senhora da Conceição). O trabalho de reparação foi-lhe adjudicado em 10 de Junho de 1767. Pelos termos do contrato, firmado com o Cónego Garfias da Sé de Évora por procurador do Cabido de Faro, Oldovini recebeu os tubos velhos, obrigando-se a acrescentar ao órgão uma Oitava Real, uma Quinta Décima, uma Décima Sétima, um Cheio de dois por ponto, outro de três por ponto, uma Voz Humana, uma Corneta e um Clarim para a mão direita e uma Trombeta Real de 12 palmos para a mão esquerda.

A intervenção de Pasquale Gaetano Oldovini resultou, não só na ampliação do instrumento, mas na sua remodelação, aproximando-o das características tonais e funcionais dos órgãos italo-portugueses. Além da reconstrução do órgão principal, utilizando em grande número a canaria de Hulenkampf (cujas marcas são distintas das de Schnitger), e da adição dos jogos contratados, Oldovini partiu e redispôs os registos do positivo e dotou o instrumento de uma pequena pedaleira de nove teclas acoplada ao manual I, para o que aproveitou os tubos de 12 palmos da fachada original, fazendo-os soar no registo de 24 palmos da mão esquerda, como tapados. Provavelmente no curso dos trabalhos, ou em ocasião posterior, aplicou também a Trombeta de Marcha na fachada, para ajudar a compensar o relativo desequilíbrio na mão esquerda, criado pela Trombeta Real e pelo Clarim da mão direita.

O restauro por D. A. Flentrop, nos anos de 1972-73, consistiu na reposição da presumível composição do instrumento ao tempo da intervenção de Oldovini, removendo elementos adicionados no século XIX e em reparações posteriores. As palhetas originais foram integralmente substituídas e o instrumento foi afinado com um temperamento tendencialmente igual.

Em 2006, o órgão encontrava-se muito sujo, com pó e pedra de caliça, a alimentação do vento era insuficiente, uma vez que o fole principal estava montado no fundo do coro-alto, a 12,7 metros do instrumento, a harmonização revelava-se desadequada e persistiam problemas de mecânica, quer dos

teclados, quer da registação. A intervenção do organeiro Dinarte Machado consistiu, resumidamente, no seguinte: construção de dois foles, de tamanho idêntico aos originais, cujas medidas foram tiradas de um conjunto de pregas de um fole de cunha existente. Estes foles foram assentes numa estrutura de suporte colocada na parte posterior da tribuna por detrás do órgão, resolvendo definitivamente o problema do débito e da pressão do vento. Limpeza do instrumento, lavagem dos tubos, levantamento das tampas dos someiros para verificação do seu estado e correcção da mecânica. Ajustagem, mantendo o diapasão original, com um temperamento desigual semelhante ao proposto por Herbert Anton Kellner, e rearmonização geral.⁷

João Pedro d'Alvarenga
Universidade de Évora

⁷ Elementos sobre a intervenção de 2006 fornecidos por Dinarte Machado.

Órgão da Sé Catedral de Faro

1715-16, Johann Heinrich Hulenkampf

1767, Pasquale Gaetano Oldovini, remodelação e ampliação

1973-74, Dirk Andries Flentrop, restauro para o estado de 1767

2006, Dinarte Machado, revisão geral

Disposição

Manual I (Órgão principal)	C/E - c ³ 8. ^a curta (45 teclas)	Flautado de 24	16'	[O]
		Flautado de 12 Aberto	8'	[H]
		Bordão	8'	[H]
		Oitava Real	4'	[O]
		Quinta Real	2 2/3'	[O]
		Quinta Décima	2'	[O]
		Décima Sétima	1 3/5'	[O]
		Voz Humana (m.d.)	8'	[O]
		Cheio 1. ^o	II	[O]
		Cheio 2. ^o	IV	[H]
		Corneta Real (m.d.)	V	[O]
		Trombeta Real (m.e.)	8'	[O]
		Clarim (m.d.) *	8'	[O]
		Trombeta de Marcha (m.e.) *	4'	[O?]
Rouxinol		[O?]		
Manual II (Positivo de frente)	C/E - c ³ 8. ^a curta (45 teclas)	Flautado de 12	8'	[H]
		Flautado de 6	4'	[H]
		Flautilha de mão direita (m.d.)	4'	[H]
		Quinta Décima	2'	[H]
		Décima Nona	1 1/3'	[H]
		Vigésima Segunda	1'	[H]
		Cornetilha de ecos (m.e.)	II	[O]
		Cheio de mão direita (m.d.)	II	[H/O]
		Cheio de mão esquerda (m.e.)	III	[H/O]
		Cornetilha de ecos (m.d.)	III	[O]
Pedal acoplado ao Manual I	C/E - d 8. ^a curta (9 teclas)	Contrabaixo de 24 **	16'	[O]
Pisantes		2 Tambores		[O?]
Acoplamentos	II-I (teclado do positivo deslizante)			
Diapasão	a ¹ = 426 Hz a 24 C ^o			
Pressão do ar	66,4 mm ca.			

m.d. mão direita (c^{#1} - c³)

m.e. mão esquerda (C/E - c¹)

* palhetas horizontais

** tubos originais da fachada, de 12 palmos, aproveitados para soar no registo de 24 palmos da mão esquerda, como tapados

[H] Johann Heinrich Hulenkampf

[O] Pasquale Gaetano Oldovini